

## ADAM FERGUSON: UMA APRESENTAÇÃO

Tainá Veloso JUSTO<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, no sentido de história das ideias, trataremos da vida e obra do filósofo escocês Adam Ferguson (1723-1816), com principal atenção ao livro *An Essay on the History of the Civil Society* (1767), seu trabalho mais célebre. O principal ponto, o que também era uma preocupação dos pensadores escoceses do século XVIII e na obra de Ferguson aparece insistentemente, é a tentativa de conciliar valores morais em uma sociedade comercial. Utilizamos como base dois comentadores, David Kettler e Fania Oz-Salzberger, e como bibliografia secundária, auxiliamo-nos de artigos acadêmicos de outros autores.

**Palavras-Chave:** Pensamento político. História das ideias. Iluminismo escocês.

### ADAM FERGUSON: A PRESENTATION

**Abstract:** In this paper, in the sense of history of ideas, we discuss about the life and works of the Scottish philosopher Adam Ferguson (1723-1816), mainly on his book *An Essay on the History of the Civil Society* (1767), his most notable work. The key point, a general concern among Scottish thinkers of the XVIIIth century, and appears insistently in Ferguson, is the trying to reconcile moral values in a commercial society. We used two commentators, David Kettler and Fania Oz-Salzberger, as well as academic papers and books of other authors as secondary references.

**Keywords:** Political thought. History of ideas. Scottish Enlightenment.

### Introdução

Quando perguntado sobre o que é o iluminismo, Immanuel Kant ([2012]) compôs um opúsculo em resposta no qual se lê em suas primeiras linhas que “Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado”. Atingir a maioridade, neste sentido, é servir-se do próprio entendimento e não temer usá-lo. “*Sapere aude!*”

Pode-se dizer que os escoceses ousaram utilizar de seu próprio entendimento quando se lançaram às luzes, o que se deu muito antes do Iluminismo (BROADIE, 2011). Contudo, após a Revolução Gloriosa, que estabeleceu regras rígidas de controle de poder do rei e de muitas de suas decisões estariam atreladas ao Parlamento, com um arranjo político estável e, finalmente, com a união dos parlamentos de Escócia e Inglaterra, em 1707, o caminho para o desenvolvimento de artes e ciências foi facilitado

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências Sociais. UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras - Pós-Graduação em Ciências Sociais. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - vtaina@gmail.com

e tornado propício aos habitantes do Norte. Claro, a influência continental permaneceu de suma importância aos filósofos da geração de Adam Smith (pós-1745), sobretudo, na figura de Montesquieu e sua obra *L'Esprit de Lois*. Alguns historiadores como Anand Chitnis apontam uma data inicial, por assim dizer, do Iluminismo Escocês, bem como de seu evanescer, de 1730 a 1820, tendo como o período mais florescente as décadas de 1750 a 1780, sendo que as atividades se concentravam principalmente nas três cidades de Glasgow, Edimburgo e Aberdeen (CHITNIS, 1976).

O presente trabalho objetiva uma aproximação e apresentação das principais ideias de Adam Ferguson, um autor relativamente pouco estudado no Brasil, quando em comparação a David Hume ou Adam Smith. É também uma forma reduzida do trabalho de monografia apresentado como trabalho de conclusão de curso na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP/FCLAr). Contudo, o principal ponto, o que também era uma preocupação dos pensadores escoceses e na obra de Ferguson aparece insistentemente, é a tentativa de conciliar valores morais em uma sociedade comercial, na qual os indivíduos passam a se descolar mais e mais dos laços comunitários, de sociedades notadamente tradicionais, e se tornam mais emancipados, independentes e atomizados. Uma aproximação ao surgimento da sociedade civil, encontrada no *An Essay on the History of Civil Society* são as chamadas consequências não intencionadas, ou seja, a ação espontânea de indivíduos no decorrer da história que em satisfazer necessidades primárias acabavam por desenvolver as artes e técnicas que se provam úteis ao social.

*Like the winds, that come we know not whence, and blow whithersoever (sic) they list, the forms of society are derived from an obscure and distant origin; they arise, long before the date of philosophy, from the instincts, not from the speculation of men. The croud (sic) of mankind are directed in their establishments and measures by the circumstances in which they are placed; and seldom are turned from their way, to follow the plan of any single projector.* (FERGUSON, 2007, p. 119).

### **Adam Ferguson: vida e obra**

Dez anos antes de publicar sua mais célebre obra, *An Essay on the History of Civil Society* (Ensaio Sobre a História da Sociedade Civil), Adam Ferguson havia lançado um Tratado sobre o Refinamento (*Treatise on Refinement*), que nos círculos nos quais convivia havia sido muito bem recebido. David Hume entusiasmara-se com o

trabalho do amigo. Contudo, em 1767 – ano de publicação de *An Essay* – a recepção não se deu nos mesmos termos. Hume foi o principal crítico da obra. Para ele, o principal motivo que enfraquecia o Ensaio devia-se ao estilo no qual fora composto. Hume o considerava demasiado escocês, de um inglês “provinciano”, que poderia ferir “o bom nome das letras Escocesas” (KETTLER, 2011, p.60). Outra polêmica despertada pela publicação do Ensaio se deveu à teoria da divisão do trabalho, dessa vez envolvia Adam Smith, que cria haver um caso de plágio de suas notas de aulas. Ferguson, na quarta edição do *Ensaio*, em 1773, adiciona uma nota que informa sobre um desenvolvimento da teoria no livro *A Riqueza das Nações*. Ronald Hamowy (1968) apresenta um artigo no qual defende Adam Ferguson contra a acusação de plágio devido ao *Ensaio* ter desenvolvido mais detalhadamente os efeitos sociais da divisão do trabalho que posteriormente influenciariam os trabalhos de Karl Marx sobre a teoria da alienação. Suas justificativas dão conta de que o exemplo utilizado no *Ensaio*, ou seja, “Sobre a Manufatura de Pregos” fora retirada da *Encyclopedie* francesa, o mesmo aparece em *The Fable of the Bees*, de Mandelville e que Smith, em sua *A Riqueza das Nações*, apresenta a divisão do trabalho apenas uma vez de forma sociológica, e não econômica. Entretanto, a principal preocupação de Adam Ferguson repousava nas formas de governo e comunidade política do que em modos de produção e crescimento de mercado, nos informa Fania Oz-Salzberger (2007, p. xviii).

Nascido na cidade de Logierait, região de Perthshire, na fronteira entre as Lowlands e as Highlands, no ano de 1723, Ferguson fora influenciado por essa posição geográfica e a refletirá em seus escritos e estudos dos desenvolvimentos da sociedade, bem como, por certa nostalgia pela convivência comunal e guerreira dos Highlanders. Provinha de uma família numerosa, na qual era o filho caçula e o que mais se destacou. Seu pai, que também se chamava Adam Ferguson, era um pastor da calvinista e nessa vertente cristã educou os filhos. Adam Ferguson seguiria os passos do pai no princípio de sua carreira, mas não faria da Igreja sua profissão. Os Fergusons possuíam ligações distantes com a nobreza, os duques de Argyll, que, apesar dessa relação, não eram ricos. Mesmo com dificuldades, as crianças da família foram encorajadas a estudar. Logo se destacou o talento do jovem Adam, tendo ele se formado com honras, aos quinze anos, distinguindo-se nas línguas clássicas, como ensaísta e matemático. Mais tarde, durante o Levante Jacobita de 1745, Ferguson, por influência da Duquesa Dama de Athole, que queria alguém para acompanhar seu filho à campanha Britânica contra os franceses nas batalhas da Guerra da Sucessão Austríaca, indicou-o para o posto de capelão do

regimento “Sentinela Negra” (*Black Watch*) – um regimento proveniente das Highlands – devido à sua fluência em gaélico, algo muito importante para manter a moral e a união da tropa. Durante a Batalha de Fontenoy (maio, 1745), uma preleção de Ferguson tornou-se célebre, principalmente porque a Duquesa, às suas expensas, mandou imprimir e distribuir na Escócia panfletos que reproduziam o sermão, que clamava aos soldados coragem em nome da pátria e por Deus. A razão disso era que, ao passo que o exército inglês lutava no Continente, na Escócia explodiam conflitos em defesa do retorno do Charles Stuart – pretendente ao trono escocês, que desde 1603 estava unido à Inglaterra. Desde 1707 o parlamento escocês havia sido dissolvido e estava unido ao de Inglaterra, o que também garantia o *Act of Settlement*, de 1701, que conferia às coroas inglesa e escocesa ao Eleitor Protestante de Hanover (Protestant Elector<sup>2</sup> of Hanover), em lugar da Casa de Stuart, que era, em seu principal ramo, católica (OZ-SALZBERGER, 2007, p. vii). O movimento jacobitista tinha por objetivo trazer de volta ao trono escocês a família Stuart, e, assim, tornar a Escócia mais uma vez independente da Inglaterra. Os opositores ao movimento tinham muito a perder com a separação dos dois países.

Adam Ferguson permaneceu no exército até o ano de 1754, quando foi dispensado e dedicou-se aos estudos de filosofia moral e política, além de ter sido forte a influência de amigos como David Hume para obter um posto na Universidade de Edimburgo. Juntamente a Hume e Adam Smith, teve ativa e influente participação na era das luzes. No caso escocês, é interessante notar a pesquisa de Alexander Broadie sobre as origens do pensamento iluminista desenvolvido na Escócia. Posa o questionamento de como um país que havia “perdido” seu trono e seu parlamento; sofrido com más colheitas durante a década de 1690 e falhado em missões colonialistas foi capaz de produzir um movimento tão grande e poderoso (do ponto de vista intelectual) como o foi o Iluminismo Escocês? David Hume, numa carta de 1757, coloca um questionamento semelhante:

*Is it not strange that, at a time when we have lost our Princes, our Parliaments, our independent Government, even the Presence of our chief Nobility, are unhappy in our accent and Pronunciation, speak a very corrupt Dialect of the Tongue which we make use of; is it not strange, I say, that, in these Circumstances, we shou'd really be the People most distinguish'd for Literature in Europe?* (HUME apud CHITNIS, 1976, p. 12).

---

<sup>2</sup>Príncipe-eleitor.

O período é fortemente marcado pela revolução do pensar, ou seja, todas as ideias devem ser submetidas a um “Tribunal da Razão” e a amplitude que a ciência adquire, principalmente pela publicação de ensaios sobre os mais diversos temas. Os filósofos não estavam mais encerrados em academias, mas seu trabalho se destacava pela participação nos movimentos da sociedade, em debates e em clubes. Uma coisa é pertencer a uma instituição cujos ditames se devem seguir conforme acordos já estabelecidos, outra é publicar suas ideias, mesmo que críticas da mesma instituição sob a qual está locado. A questão não era ruptura, mas abrir a discussão sobre práticas e costumes. Os iluministas, apesar de não deterem cargos importantes, relacionavam-se com aqueles que os ocupavam. Ademais, suas obras influenciaram governos, inclusive a própria Igreja da Escócia (“partido” moderado no Kirk, que defendia ideias pró-Hannoverianas, *whigs*<sup>3</sup> e de tolerância). O Iluminismo é principalmente a liberdade de falar o que foi pensado anteriormente a fim de que os interlocutores ponham à prova as novas teorias, um diálogo de ideias. Assim, os homens só são plenos quando possuem liberdade de pensar e de expressar o que foi formulado em suas mentes.

A partir de 1754, Ferguson inicia sua carreira acadêmica e publica suas quatro grandes obras. A primeira delas foi seu *Essay on the History of Civil Society*, 1767, que fora baseada pelo manuscrito acima mencionado, “Tratado sobre o Refinamento” (*Treatise on Refinement*). Como definiu a obra, Fania Oz-Salzberger diz:

O Ensaio é uma investigação sobre o progresso moral e material das sociedades, claramente inspirado na situação escocesa do período, mesmo que não dependente do caso escocês. Sua questão focal é o lugar, e a realocação, da virtude cívica no Estado moderno. (OZ-SALZBERGER, 2007, p. xviii).

A dicotomia mais destacada na obra de Adam Ferguson, de acordo com Fania Oz-Salzberger, não se tratava do selvagem e do civilizado, mas do homem de ação e do homem acomodado, apático. A virtude política se faz com participação consciente nas coisas públicas e relegar essa atividade a outros é permitir que se instale a tirania e se corrompa a integridade do indivíduo. Os homens são feitos para ação e Ferguson ao falar em participação cívica ativa, refere-se a qualidades essencialmente masculinas, como o jogo, a perseguição, o conflito, a caça, etc. O que Fania Oz-Salzberger chama de uma eterna busca (*pursuit*) natural ao homem. Liberdade política e integridade

---

<sup>3</sup> Partidários do progresso, com visões e propostas reformistas, mais tarde, no século XIX fariam parte do Partido Liberal Inglês.

individual são objetivos humanos e que devem ser buscados e mantidos pela constante participação na sociedade. O autor empresta dos Estoicos o conceito de jogar (*to play*), os quais consideravam mais importante a habilidade, a destreza, o saber manejar as regras do jogo, do que a vitória em si. E é a esse constante “jogar”, agir ativamente que trará a felicidade dos homens. Ferguson inspira-se em Catão e em Cícero em sua defesa da virtude política ativa. Daí o contraste de uma república turbulenta, permeada por conflito, em que os homens têm liberdade política para exercerem o debate em contraposição à calmaria de um governo despótico. Afinal, a liberdade política e integridade individual são alcançadas pelo constante conflito de ideias, participação ativa dos cidadãos. O contrário disso, ou seja, o ócio, a apatia, o afastamento da vida política degradam o caráter e enfraquece a sociedade, o que pode levar à corrupção, que constantemente permeia a vida na sociedade moderna.

Uma nova publicação apareceu no ano de 1768, os *Institutes of Moral Philosophy*, que consiste em um sumário de notas de suas aulas, um manual para aulas de filosofia. Em 1772, Christian Garve -- que fora seu tradutor e mediador de seu pensamento na Alemanha do século XVIII, publicou a tradução dos *Institutes*. Além disso, era um ardoroso divulgador do Iluminismo fora dos círculos acadêmicos. Assim o fazia na crença de uma “ação do homem comum dentro da sociedade, como cidadão útil e moral” (HAUCK, 2013, p. 187). Para Kettler (2011), este foi o livro que consolidou sua reputação como um educador prudente e fundamental. Após alguns anos de reclusão, sobretudo, por motivos de saúde – em 1780 Ferguson sofreu um ataque paralisante – uma nova publicação sua apareceu somente em 1783. A enorme história da República Romana, *History of the Progress and Termination of the Roman Republic*, que cobre os anos a partir da Primeira Guerra Púnica e termina com o reino de Augusto. Sua última grande obra apareceu em 1792, *Principles of Moral and Political Science*, que seria uma obra mais coerente e melhor trabalhada que seus *Institutes*, apesar de mantidas as influências de Bacon, Thomas Reid, Marco Aurélio e Montesquieu.

Adam Ferguson morreu no dia 22 de fevereiro de 1816. Viveu seus últimos dias em reclusão, porém atento aos acontecimentos da Europa. Em Kettler temos que suas últimas palavras foram “Há um outro mundo” (*There is another world*). Palavras essas ditas por um homem que buscou sempre um propósito para suas ações neste mundo.

## **Estado de Natureza**

Na obra *Ensaio Sobre a História da Sociedade Civil*, Adam Ferguson aborda

uma questão célebre nos trabalhos contratualistas, a divisão entre dois estágios da vida humana. O primeiro, chamada de *Estado de Natureza*, seria um momento de guerras e desolação, constante perigo e desagregação para uns; ou um estágio idílico e ingênuo experimentado pelos homens até que aderissem à sociedade civil, ou seja, o segundo estágio. No *Ensaio*, Adam Ferguson põe-se contra as duas propostas, de Thomas Hobbes (1588-1679) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), respectivamente. Apresenta, nestes termos, sua oposição:

*Among the writers who have attempted to distinguish, in the human character, its original qualities, and to point out the limits between nature and art, some have represented mankind in their first condition, as possessed of mere animal sensibility, without any exercise of the faculties that render them superior to the brutes, without any political union, without any means of explaining their sentiments, and even without possessing any of the apprehensions and passions which the voice and the gesture are so well fitted to express. Others have made the state of nature consist in perpetual wars, kindled by competition for dominion and interest, where every individual had a separate quarrel with his kind, and where the presence of a fellow-creature was the signal of battle. (FERGUSON, 2007, p. 8).*

A principal crítica de Ferguson às duas propostas, que para ele, apesar de diferentes na apresentação, estavam erradas, é de que não há uma argumentação sólida que defenda que tais tipos de vida tenham existido. Tanto Hobbes, quanto Rousseau deixam-nas repousar no reino da imaginação e da especulação. Tal preocupação se devia ao fato de faltar à explicação dos dois filósofos a aplicação de um método mais rigoroso de investigação. Os iluministas escoceses acreditavam na aplicação do método experimental para questões relativas à moral. É o que faz Ferguson o *Ensaio*. Como coloca Alexander Broadie (2011, p. 80-81), “[...] ao aceitar que há espaço para conjecturas, ou hipóteses [sobre as origens dos homens, no caso], elas devem ser utilizadas como premissas de um argumento científico.”

Mais adiante à passagem do *Ensaio* citada acima, Ferguson apresenta evidências plausíveis de que antes do Contrato Social os homens já viviam agrupados:

*If both the earliest and latest accounts collected from every quarter of the earth, represent mankind as assembled in troops and companies; and the individual always joined by affection to one party, while he is possibly opposed to another; employed in the exercise of recollection and foresight; inclined to communicate his own sentiments, and to be made acquainted with those of others; these facts must be admitted as*

*the foundation of all our reasoning relative to man.* (FERGUSON, 2007, p. 9).

Com isso, é preciso compreender não somente as disposições dos homens uns para com os outros e para com seus inimigos, mas as evidências de seu próprio corpo, tais como a maneira ereta de caminhar, como as comunidades mais distantes de caçadores-coletores, a importância tremenda do desenvolvimento da própria linguagem, como os gestos aos sons articulados e o posterior advento da escrita. Tais evidências seriam a história natural de cada espécie, como coloca Ferguson. Daí sua crítica às assunções de Rousseau, de que os homens seriam inocentes e corrompidos pela vida social. Defende Ferguson que o estudo compreensivo do homem passa pela investigação da sociedade (do grupo social) da qual esse homem faz parte, a partir daí se infere quem ele é. Neste ponto, a crítica é para ambos, Hobbes e Rousseau, pois criam que bastava utilizar um exemplo de homem para se conhecer a natureza de todos os outros. Ferguson rejeita tal noção, pois um único homem traria pouca ou nenhuma informação sobre linguagem, sistema moral, político, social ou religioso. Um único homem não seria capaz de personalidade (*personhood*).

Por fim, o Estado de Natureza não estaria em num lugar remoto e desconhecido, sem registros capazes de nos promover mesmo que uma pálida imagem do passado, mas é concebido, não só por Adam Ferguson, mas pelos demais *Literati*<sup>4</sup> como o estágio corrente da vida humana. A parte à sociedade o homem levaria uma vida desolada, de miséria e tristeza, só encontrando razão para viver e a própria felicidade quando junto dos seus. Retomamos o que já fora dito sobre a divisão da história da sociedade por estágios. Neste caso, não haveria uma linha temporal que indicaria do menos social para o mais social, a escala, em verdade, seria do menos para o mais civilizado (ou refinado). A sociabilidade já está dada em cada estágio, o que diferem são os modos, os costumes, as trocas econômicas, etc. O Estado de Natureza do homem é a sociedade, portanto, o Estado de Natureza é o agora.

### **A questão do estabelecimento de uma milícia**

A questão da milícia no Reino Unido era assunto premente devido às guerras continentais e a manutenção das colônias, principalmente das treze colônias no

---

<sup>4</sup> Pensadores escoceses dedicados aos estudos de filosofia social, notavelmente, David Hume, Adam Smith, William Robertson, Adam Ferguson, John Millar e Lorde Kames (Henry Home). Influenciados pelo método científico de Isaac Newton, pelo empirismo de John Locke e, sobretudo, aos estudos sociais de Montesquieu.



continente americano. A Lei de Milícia (*Militia Act*) foi aprovada em 1757 e estabelecia as regras para a criação de regimentos militares na Inglaterra e País de Gales, mas não tinha efeito no caso escocês. Para a Escócia, importava a formação de um corpo militar constante como meio de fomentar e proteger a virtude cívica dos cidadãos e como protetor das liberdades civis. Assim o pensavam alguns *Literati* liderados por Adam Ferguson, não somente por ser o filósofo mais interessado na matéria, mas por ele ter servido durante nove anos, conforme já mencionado, no regimento Highlander “Sentinelas Negras” (*Black Watch*). E ainda, foi ele o fundador de um dos clubes cuja matéria principal era a defesa da milícia, o chamado *Poker Club* (o nome foi escolhido por ser o atizador (*poker*) uma ferramenta de mover as brasas numa lareira a fim de espalhar o fogo).

A defesa do estabelecimento de uma milícia deveria ser de importância para a sociedade como todo por se tratar da defesa de seus valores, morais e materiais, do território e da vida dos cidadãos. Na compreensão fergusoniana, a milícia é uma das esferas da vida, assim como a política, que não poderiam ser tocados pela divisão do trabalho. Enquanto esta era bem vista nos negócios comerciais, era igualmente danosa para os negócios públicos. Criar uma milícia demandaria que os cidadãos (do sexo masculino) fizessem parte de tal corpo militar e não se ativessem somente aos seus ofícios, afinal “[...] trabalhamos para aumentar as riquezas, mas negligenciamos os mecanismos de defendê-las.” (FERGUSON, 1756, p. 12, tradução nossa)<sup>5</sup>. A concepção de Ferguson era de que cada cidadão fosse um soldado, ou seja, um exército de cidadãos.

Dos que defendiam a proposta de Ferguson estavam John Home, autor das peças *Agis* e *Douglas* (Ferguson havia publicado um panfleto que defendia o teatro como um fomentador de virtude cívica, a peça em questão era *Douglas*), cujo prólogo exalta as virtudes de Esparta e seus cidadãos-soldados. Lord Kames (Henry Home) também estava ao lado de Ferguson, contudo apresentava uma proposta um pouco diferente, os cidadãos não seriam permanentemente soldados, mas serviriam num sistema rotativo à milícia e a outros serviços públicos a fim de que outras esferas sociais não fossem negligenciadas.

Adam Smith, apesar de não se opor totalmente à ideia da milícia, defendia muito mais um exército permanente, pois não percebia, como Ferguson, que fosse uma

---

<sup>5</sup> “[...] *We labour to acquire wealth; but neglect the means of defending it.*” (FERGUSON, 1756, p. 12).

ameaça às liberdades civis, mas sim um protetor de tais liberdades. Smith também não rechaça a ideia de divisão de trabalho aplicada às forças armadas, antes pouca as seguintes questões: por que é necessária? Como se organizará? E como será paga? Um exército permanente ou profissional superaria em qualidade, preparo e disciplina as milícias, sendo assim, uma opção mais ideal.

### **Uma sociedade virtuosa**

Ferguson acredita que a virtude é um sentido positivo das disposições humanas, quer dizer, que mesmo que não haja leis que restrinjam o comportamento avaro e ganancioso do homem, além das leis penais, “[...] a partir de sentimentos instintivos, uma candura e amor e, pelo contágio da própria sociedade, uma estima por aquilo que é honroso e louvável.” (FERGUSON, 2007, p. 156), os homens procurarão desenvolver ações virtuosas. Estes “sentimentos instintivos” derivariam do interesse comum de defesa do território contra inimigos, manutenção da comunidade e de seus direitos. A virtude, para Ferguson, é capaz de “restaurar as honras de nossa natureza” (*honours of our nature*), por essa razão, o estado natural do homem é a sociedade, fora dela os homens estariam fadados à estagnação de suas artes e ao isolamento, seriam como órgãos do corpo humano que como membros independentes não desenvolvem plenamente seus potenciais. Ao desenvolver um conceito de virtude, Ferguson tinha em mente algo que poderia guiar a sua prática e a dos outros, homens como ele, a desenvolver seus planos de vida, mas cultivados pela luz das ideias. De alguma maneira os elementos passivo e ativo<sup>6</sup> deveriam estar em harmonia para uma melhor existência do indivíduo em sociedade. Um se relaciona com as responsabilidades sociais e o outro com o comprometimento social. “Para o primeiro, a virtude é um estado mental, para o outro, um estilo de vida” (KETTLER, 2011, p. 181). Ao aplicar a virtude à sociedade, Ferguson, defendia o amor (ou paixão, ele usa a palavra *love*) ser seu [da virtude] principal atributo pela sociedade que se manifesta pela ativa benfeitoria (*benefaction*) social; e, a virtude humana surge somente em sociedade (David Kettler especifica: surge somente na sociedade que estimula e encoraja tal característica).

O desenvolvimento das propensões humanas (afeição, guerra e ambição) se dá por meio das instituições que existem nas sociedades, que devem ser “sábias”, ou seja,

---

<sup>6</sup>Categorias definidas por David Kettler a fim de melhor compreender a aproximação fergusoniana na questão da virtude. A passividade (*passiveness*) como um senso de submissão à sabedoria da providência benéfica. O ativismo (*actviness*), por sua vez, relaciona-se com um senso de descontentamento com a situação presente.

capazes de inspirar nos homens coragem, fortalecer suas mentes e promover a felicidade nacional. E, no limite, evitar que a sociedade se volte somente para o interesse próprio de seus membros ou perca seu lustre por meio da divisão do trabalho. Porém, o maior perigo para a virtude pública e fonte de degeneração, corrupção e enfraquecimento dos laços sociais é a ausência do conflito. “*Liberty is maintained by the continued differences and oppositions of numbers, not by their concurring zeal in behalf of equitable government.*” (FERGUSON, 2007, p. 124-125). Pois a ação em sociedade não está na concordância tácita entre partidos e grupos, mas, ao contrário, na insistente defesa de seus direitos. Portanto:

*If the ordinary arts of policy, or rather, if a growing indifference to objects of a public nature, should prevail, and, under any free constitution, put an end to those disputes of party, and silence that noise of dissension, which generally accompany the exercise of freedom, we may venture to prognosticate corruption to the national manners, as well as remissness to the national spirit.* (FERGUSON, 2007, p. 242).

E em Ferguson o arranjo mais adequado para a aplicação de sua teoria é a monarquia constitucional, que ele sempre apresenta de maneira positiva no *Ensaio*, podemos verificar retomando a sexta seção, “*Da Liberdade Civil*”, no qual ele compara, na parte final, o apreço pelas leis numa democracia – governo do povo – e numa monarquia mista.

### **Considerações finais**

Tentamos apreender alguns tópicos caros a Adam Ferguson, sobretudo, na obra de principal referência para este trabalho, *An Essay on the History of Civil Society*, 1767, de como encaminhar a virtude cívica na sociedade moderna, a questão da milícia, o estado de natureza. As leis e instituições desempenham importante papel no fomento e manutenção da virtude em uma sociedade que inicia, por meio do comércio, seu processo de flexibilização; como os homens podem contribuir e se beneficiar disso, são questões que permeiam a leitura do trabalho de Ferguson. Conforme apresentamos, e vimos (com o auxílio dos comentadores), a resolução não é fácil, já que os homens não são anjos – como haviam dito os Federalistas, mas em boa medida, mentirosos, rapaces e mesquinhos – na visão maquiavélica. Nem anjos, nem demônios, a visão fergusoniana abre precedentes para o homem como ser capaz de viver uma boa vida, buscar a felicidade, ao se contentar com sua parcela de contribuição social baseada uma sólida

conduta moral – que lhe permita o controle das paixões e a serenidade no enfrentamento de problemas. Como posto acima, ‘Ferguson acredita que a virtude é um sentido positivo das disposições humanas. Quer dizer, que mesmo que não haja leis que restrinjam o comportamento avaro e ganancioso do homem, além das leis penais, “[...] a partir de sentimentos instintivos, uma candura e amor e, pelo contágio da própria sociedade, uma estima por aquilo que é honroso e louvável.” (FERGUSON, 2007, p.156), os homens procurarão desenvolver ações virtuosas. Estes “sentimentos instintivos” derivariam do interesse comum de defesa do território contra inimigos, manutenção da comunidade e de seus direitos. A virtude, para Ferguson, é capaz de “restaurar as honras de nossa natureza” (*honours of our nature*). Por essa razão, o estado natural do homem é a sociedade’. Em outras palavras, mesmo que a sociedade se modifique com o avanço da ciência e da técnica, apesar do aumento de sua complexidade, a vida social é importante para permitir aos indivíduos o desenvolvimento de um caráter virtuoso que mantenha o equilíbrio da vida comum.

## REFERÊNCIAS

BROADIE, A. **The scottish enlightenment**: the historical age of a historical nation. Birlinn: Edinburgh, 2011.

CHITNIS, A. **The scottish enlightenment**: a social history. London: Croom Helm London, 1976.

FERGUSON, A. **An essay on the history of the civil society**. Edited by Fania Oz-Salzberger. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

FERGUSON, A. **Reflections previous to the establishment of a militia**. London: Printed for R. and J. Dodsley, 1756.

HAMOWY, R. Adam Smith, Adam Ferguson, and the division of labour. **Economica**, [S.l.], v. 35, n. 139, p. 249-259, aug. 1968.

HAUCK, E. C. Garve como mediador de Adam Ferguson. In: CARVALHO, M., FIGUEIREDO, V. **Garve como mediador de Adam Ferguson**. São Paulo: ANPOF, 2013. p. 187-192. v. 2.

KANT, I. **Resposta à pergunta**: o que é Iluminismo? Tradução de Artur Mourão. [Covilhã: LusoSofia Press, 2012]. Disponível em: <[http://www.lusosofia.net/textos/kant\\_o\\_iluminismo\\_1784.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/kant_o_iluminismo_1784.pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2016.

KETTLER, D. Virtue and society. In: KETTLER, D. **Adam Ferguson**: his social and

political thought. Columbus: Ohio State University Press, 2011. p. 187-316.

OZ-SALZBERGER, F. Introduction. In: FERGUSON, A. **An essay on the history of civil society**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 7-25.